



### Três quartos com vista

Maria do Céu Diel\*

a propósito das pinturas de Milton José de Almeida\*

Jogou as malas no meio da sala depois de galgar os tres lances de escada: “ Vamos ver a vista do balcão”, propôs ele, fingindo entusiasmo. Ela, menos alegre, seguiu-o até a varanda amarela:”Daqui estamos há dois passos da areia, não é fantástico?”. Ela respondeu , inaudível e voltou a atenção para as malas ao pé da cama. Ele continuou ali, o corpo inclinado, os cotovelos apoiados no muro baixo da casa amarela. Dali podia ver a orla da praia e as casas de veraneio penduradas, soterradas uma pelas outras, com balcões iguais, toalhas e esteiras secando. “ Hora ruim de chegar, muito calor..”, pensou, achando que este era o motivo do silencio duro da mulher.” A noite, com a brisa marinha os humores melhorariam, achou, enquanto guardava as coisas no banheiro. A casa alugada era pequena e fresca, um quarto apenas, porem agradável. A vista era o que a agência havia prometido e ainda havia um toldo avermelhado que projetava uma sombra quente no balcão. Ficou ali bem uma hora e sentiu que a mulher se aproximava, descalça. Postou-se ao lado dele, o corpo a uma distancia segura. O corpo miúdo tambem estava girado para a vista da praia, mas os olhos fixaram-se no rosto do homem. Este manteve uma expressão de tola felicidade , mas silenciou-se. A mulher girava os pulsos, massagendo-se da longa caminhada da estação de trem até a casa. “Não me sinto bem,” pensou, quando desistia de olhar para o reflexo duro e quente do sol nas paredes das casas e entrava para o agradável escuro e fresco da sala. O homem, porem não moveu-se. Divertia-se olhando as janelas em frente, as panelas de aluminio secando nas cozinhas, as toalhas sendo desfraldadas , o cheiro de peixe e pão tostado. Sua mão resvalou na mesinha do balcão e sentiu a fruteira, gentileza da agência de aluguel. Apossou-se de um limão e calcou a unha do polegar na casca, cheirando o óleo e fechando os olhos. Quando abriu, seus olhos foram atraídos por uma mulher na janela de uma casa azul

**Maria do Céu Diel**



*\*Maria do Céu Diel é professora da EBA UFMG, artista plástica e pesquisadora sobre memória, imagem e relações entre as artes.*

*\*\*Milton José de Almeida é professora na FE-UNICAMP, pesquisador, escritor e pintor.*



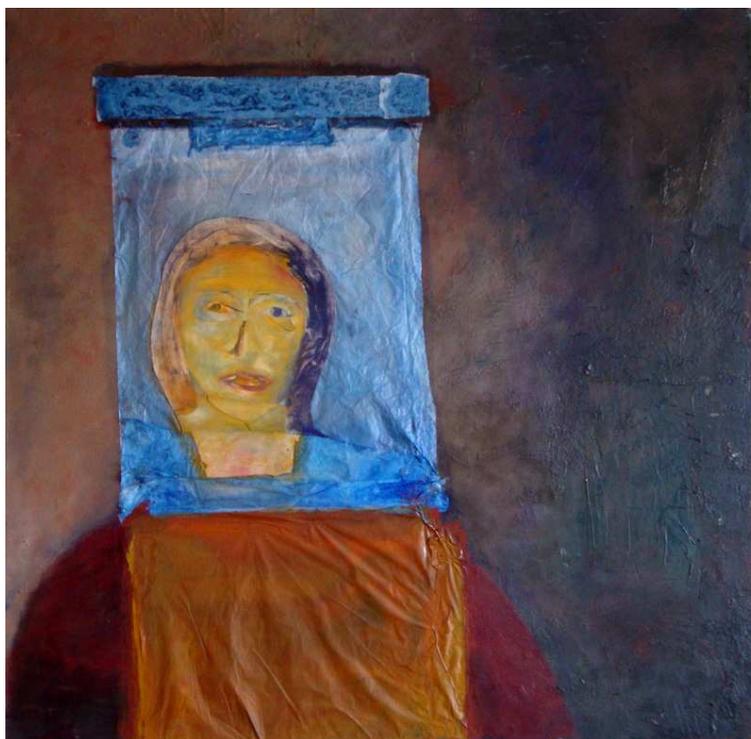
O sol fazia reverberar e o rosto não ficava claro. O homem viu que a mulher olhava de uma pequena janela do edifício em frente. Não podia saber a sua idade. Os cabelos estavam penteados para tras- ou talvez fosse uma toalha. Ela estava falando –com alguém? com ele?- e não se viam os braços ou o corpo. Falava para frente e não movia a cabeça, o que deu a entender que falava com ele. O homem acenou timidamente, mas a mulher não devolveu o cumprimento. Continuou ali, na janela, uma cabeça aparentemente jovem falando sem voz. O homem esforçou-se por ouvir alguma palavra que ela falava, mas a brisa e o ruído das ondas logo abaixo levavam o som para outro lado. Sentiu-se subitamente cansado e entrou para lavar-se e dormir até a hora do jantar. Sua mulher já estava adormecida, encolhida na cama junto à porta de entrada. Dormiu imediatamente e sonhou sem sonhos.

Acordou e viu que havia anoitecido, sua mulher havia saído. Tomou outro banho e voltou-se para o balcão. Lá estava a mulher, na mesma posição, a cabeça encaixada na moldura

**Maria do Céu Diel**



azulada da janela. Desta vez, ele fez um gesto mais amplo e julgou que ela responderia. Mas ela parou de falar e olhou para ele. Em verdade, olhava *acima* dele, para dentro da casa. Ele virou-se para ver o que ela via mas estava sozinho. Olhando fixamente para ela, via sua boca quase abrir, para depois fechar-se e quase desaparecer. Os olhos quase não piscavam, estavam abertos mas moviam-se para esquerda e para cima. Incomodado, entrou, buscou a carteira e saiu em busca de sua mulher. Não a encontrou, mas pareceu não preocupar-se. Tomou um café e um suco de frutas e voltou para casa, não queria sair mais. Trouxe pão e tomates, tratou de jantar no balcão, sempre com o olhar da mulher da janela azul



Acordou quando a mulher chegou. Ouviu a chave, a água do chuveiro, as sandálias que eram atiradas a um canto. “ Você demorou , onde esteve?”, perguntou meio alto demais. A mulher apareceu ao lado da porta do banheiro e respondeu qualquer coisa. O homem deu-se por satisfeito, ajeitou a cadeira e reclinou-se no balcão. “ Amanhã”, pensou, ” amanhã vamos a praia juntos, hoje estamos cansados, trem lotado, todas aquelas crianças...e os imigrantes barulhentos, o banheiro quebrado...”, explicou para si mesmo, enquanto ouvia o

**Maria do Céu Diel**



lado da cama afundar e mulher deitar-se, afastada dele e da janela. Preferiu então dormir no balcão. A cadeira reclinou-se e ele fechou os olhos, não sem antes dar uma olhada na mulher da janela, que continuava lá, pensou, apesar da casa estar escura e não poder distinguir se ela era ou um pedaço da cortina.

De madrugada, acordou e deu um salto, pensou que gritava. A mulher não acordou e ele então voltou o corpo para o balcão. De uma janela lateral ao lado da mulher –que ele não sabia se estava lá ou não- um casal estava parado. O homem era alto corpulento. Sua mulher sorria – ele pensou que sorria- mas não podia ver a boca, apenas achava que esta sorria. Alias, ele achou que sorria para ele, mas os olhos não olhavam para ele, mas para algo acima da sua cabeça. Acenou e sorriu. O homem sério não respondeu. A mulher continuava a sorrir da mesma maneira e nada fez. Então havia ali um grupo: no balcão o homem solitário acenava, da janela azul um vulto parecia estar lá e o casal com a mulher sorridente: todos se olhavam, com a única diferença que os olhares do lado de lá eram para algo acima e fora do homem. Este fartou-se de tentar se comunicar e ajeitou-se na cadeira reclinável: “Mas que se danem”, pensou,” gente estranha. Amanhã vamos sair cedo, tem um mercado de artesanato na praia, basta de fica em casa”. Decidido, sentiu frio, puxou um xale do sofá e dormiu novamente.



Acordou com o sol no balcão, metade da manhã havia passado. Estava dolorido, a cadeira era desconfortável. Olhou para dentro e não viu a mulher, havia saído. Rapidamente voltou-se para as janelas e as pessoas não estavam lá. Esperou alguns minutos e, ajeitando o cabelo, saiu para a rua. Sentiu-se mal, atribuiu ao calor e a falta de um bom café da manhã. Dirigiu-se ao bar e estranhou as portas fechadas e as ruas vazias. “Deve ser hora do almoço”, julgou, mas sua sombra ainda se projetava na calçada. Girou pelo quarteirão abaixo e pareceu dar voltas na mesma quadra, pois quando olhou para cima percebeu encontrar-se abaixo do balcão de seu apartamento. Sua garganta estava seca e procurou encostar-se na sombra das lajes projetadas das casas em frente. Não conseguiu chegar muito longe, percebeu que as pernas adormeciam, caiu na calçada luminosa e ouviu o molho de chaves tilintar para longe da mão. Bateu com força a cabeça e girou o corpo para ver o céu: “morrer outra vez, outra vez não”, pensou, apertando a cabeça e enxergando as manchas borradas e familiares das caras pintadas nas janelas que o observavam ou talvez fossem só as cortinas que adejavam, ou pinturas nas paredes das velhas casas caiadas e assombradas da vila marítima da antiga cidade soterrada.

**Maria do Céu Diel**



*Fotografias de Milton José de Almeida.*

**Maria do Céu Diel**